

## **Relato 6 – A Formação do Professor como Referência: O Que Tenho Aprendido com a Professora Regente**

Observar as aulas da professora regente foi, sem dúvida, uma das experiências mais formativas do meu Estágio II. Mais do que o conteúdo em si, chamou-me atenção o modo como ela lida com os alunos, administra a dinâmica da sala de aula e enfrenta os desafios do cotidiano escolar com um misto de firmeza, objetividade e humanidade.

A professora que acompanhei possui uma sólida formação acadêmica: cursou até o pós-doutorado na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), instituição onde também faço minha licenciatura. Apesar desse vasto percurso na universidade, ela atua hoje como professora contratada na rede pública FAETEC, e iniciou neste ano seu trabalho no ISEPAM. Isso por si só já demonstra o quanto a formação não necessariamente garante uma colocação profissional de destaque rapidamente, mas também revela seu compromisso com a educação pública e sua capacidade de adaptação.

Mesmo com uma metodologia tradicional — centrada na exposição oral e no uso do quadro —, ela demonstra domínio dos conteúdos, segurança na fala e desenvoltura ao conduzir as aulas. Sabe se posicionar com firmeza quando necessário, elevar o tom de voz para retomar a atenção da turma e impor limites, como pedir o desligamento dos celulares ou reorganizar a sala durante as provas. Ao mesmo tempo, busca preservar um certo equilíbrio emocional e um distanciamento saudável, sem abrir mão da escuta atenta.

Presenciei momentos em que a professora precisou intervir em situações delicadas. Em uma ocasião, uma aluna teve uma crise emocional durante a aula, e ela prontamente interrompeu a explicação, saiu da sala para prestar apoio e acionou o suporte necessário. Também presenciei momentos de tensão com estudantes que retrucavam orientações ou resistiam a mudanças, como uma aluna que questionou a mudança de lugar durante uma avaliação. Em todos os casos, a professora buscou manter o controle da situação sem se exaltar ou perder o foco.

Ela também lida com as limitações do contexto escolar com certo pragmatismo. Com um número elevado de turmas e um tempo reduzido por semana com cada uma delas, ela organiza seu planejamento com antecedência e tenta seguir o plano de ação proposto pela escola, mas sempre adaptando os conteúdos conforme o ritmo e as necessidades de cada turma. Ela não simplesmente “solta o conteúdo” — observa o contexto, percebe as dificuldades e, quando necessário, retoma tópicos ou reestrutura a abordagem para garantir o mínimo de compreensão por parte dos alunos.

Mesmo sem utilizar metodologias mais inovadoras, ela demonstra clareza sobre seus objetivos e compromisso com o que se propõe a ensinar.

Observar essa atuação me fez entender que ser professor não é só sobre dar aula — é sobre sustentar um espaço de aprendizado em meio ao caos, reconhecer os limites e possibilidades de cada contexto, e encontrar, mesmo em situações adversas, caminhos possíveis para manter a educação viva. É sobre construir autoridade sem autoritarismo,

manter presença sem precisar controlar, e ensinar mesmo quando as condições não são ideais.

Mesmo que eu não tenha, neste momento, o desejo de seguir a docência como carreira principal, aprendi muito com essa convivência. Não é preciso reinventar a roda a cada aula, mas é preciso ter consciência de que ensinar é também um exercício de escuta, sensibilidade e, sobretudo, coragem.